



Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

**Atena Editora
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-15-4
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
CAPÍTULO 2	8
VIESES NEUROCIÊNCIAS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
CAPÍTULO 3	17
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i> <i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
CAPÍTULO 4	28
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
CAPÍTULO 5	40
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
CAPÍTULO 6	52
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
CAPÍTULO 7	62
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
CAPÍTULO 8	76
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i> <i>Taciana Pontual Falcão</i>	
CAPÍTULO 9	93
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i> <i>Osimara da Silva Barros</i> <i>Najara Santos de Oliveira</i> <i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

CAPÍTULO 10	103
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
CAPÍTULO 11	119
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva Leila Adriana Baptaglin</i>	
CAPÍTULO 12	131
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa Márcio Lima de Aguiar</i>	
CAPÍTULO 13	141
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos Ursula Rosa da Silva</i>	
CAPÍTULO 14	149
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
CAPÍTULO 15	158
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
CAPÍTULO 16	171
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale Eric Vagner de Souza</i>	
CAPÍTULO 17	183
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego Adriana Costa Rego</i>	

CAPÍTULO 18	194
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
CAPÍTULO 19	204
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
CAPÍTULO 20	223
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
CAPÍTULO 21	241
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
CAPÍTULO 22	257
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
CAPÍTULO 23	267
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
CAPÍTULO 24	278
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
CAPÍTULO 25	288
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

CAPÍTULO 26	299
MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL:CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN	
<i>Jailson Valentim dos Santos</i>	
CAPÍTULO 27	314
A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	
<i>Adriano Moraes de Freitas Neto</i>	
<i>Gilberto Andrade Machado</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	324

OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Ana Beatriz Campos VAZ

E.E.E.M. Frei Plácido

abcvaz@gmail.com

RESUMO: O trabalho é uma extensão da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Artes Visuais, pela Universidade Federal de Pelotas, concluído no ano de 2015, em que a arte contemporânea, o cotidiano e a experiência estética, em sala de aula, foram motes. Estes temas retornam aqui como parte das minhas inquietações como professora/pesquisadora. No texto apresento um projeto de trabalho desenvolvido na Escola¹ em que eu trabalho, com uma turma de 8º ano do ensino fundamental, no ano de 2017, no qual foram pensados os lugares não vistos na Escola, perpassados pela arte contemporânea em exercícios de experimentação do entorno.

PALAVRAS-CHAVE: escola; arte contemporânea; lugares.

INTRODUÇÃO

Esse escrito aborda sobre o contexto da sala de aula e trata de questões ligadas à

1 Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido, localizada na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil.

2 Deleuze e Guattari, em *O que é a filosofia?* consideram que a potência traz em si as possibilidades uma vez que oferece uma infinidade de caminhos, de relações.

paisagem e à maneira como nos dispusemos a observar o entorno. O trabalho desenvolvido pretende evidenciar novos olhares para o entorno através de ações e pensamentos permeados por produções de arte contemporânea. O texto parte de um projeto realizado com alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, com o qual dei continuidade à pesquisa desenvolvida no Mestrado em Arte Visuais, na Linha de Ensino da Arte e Educação Estética, pela Universidade Federal de Pelotas, com orientação da Profa. Dra. Ursula Rosa da Silva. A Dissertação intitulada *Arte Contemporânea – Cotidiano e Experiência Estética em Sala de Aula*, discuti sobre a arte contemporânea e sua disponibilidade plural; o cotidiano e os seus usos do modo indicado por Certeau (2009); a experiência estética como processo da maneira aventada por Dewey (2010); o contexto da sala de aula. Desse modo, esses temas são retomados aqui. Uma vez que, a arte contemporânea pelas inúmeras propostas de revelar olhares para as coisas do mundo, o cotidiano por sua potência², pela possibilidade de poder ser revisto e, a experiência estética pela força propulsora de desencadear novas ações, permanecem como inquietações nas minhas pesquisas docentes.

DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

O Olhar do Professor Escavador de Sentidos, este é o título do texto de autoria de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. No texto as autoras relatam sobre o professor, agente *escavador de sentidos*, como um pesquisador que seleciona o que vai fazer parte das suas aulas e, para isso, “[...] há que se convocar os olhos daqueles que pela primeira vez vão olhar/ler as imagens, seja para saborear ou estranhar o novo, o desconhecido” (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p.117).

Diviso aqui a possibilidade também, de poder lidar com o conhecido, o já visto ao trazer o olhar da maneira abordada por Sérgio Cardoso (1998, p. 349), “[...] o olhar não acumula e não abarca, mas procura; não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando as frestas deste mundo instável e deslizante [...]”. Assim, no momento em que se propõe ver de novo, se pode mirar por outros ângulos, os quais não haviam sido experimentados. Tal ação, proporciona uma apreensão e, com esta, um contato maior com o que nos cerca.

Nesse contexto, o professor é aquele que sai em busca de meandros onde se escondem as pequenas coisas do dia a dia. Portanto, o professor pode propor caminhos para ajudar a desvelá-las, através de pequenas ações que visitem o que está escondido na superfície, pois, como assevera Maffesoli (2008, p.5): “A profundidade está na superfície das coisas”.

A profundidade ponderada por Maffesoli, pode ser encontrada no mais próximo, porém, não percebido. O artista, ao nos propor uma mirada para objetos que, no mais das vezes, são ignorados, ao realocá-los em contextos outros, nos proporcionam uma outra possibilidade de percebê-los. De acordo com Dewey (2010, p.212), “a familiaridade induz à indiferença [...]”. Por estarmos absortos em nós mesmos, não percebemos o que vemos.

Justamente a indiferença foi o que passou distante da minha relação com a obra *Jardim da Infância*³ de Lia Menna Barreto, com a qual entrei em contato na primeira edição da Bienal do Mercosul⁴, lá no ano de 1997. Discorri, na dissertação, que essa obra me proporcionou uma experiência estética da forma indicada por Dewey (2010), ao agenciar um mergulho nas minhas experiências pregressas, modificando meu trabalho docente. De acordo com Dewey, a experiência estética é processo que promove algo de um estado a outro, através das ações que provoca entre o vivido e o que ele propiciou, com o que pode vir a ser. Assim, no momento em que me aproximei de *Jardim da Infância*, ao retornar para meu trabalho, questionei sobre que arte eu

³ *Jardim da Infância* é uma obra de 1995 que traz cadeiras de criança, em madeira, queimadas e dispostas em círculo. De acordo com Paulo Herkenhoff (1997, p.230), “O território da obra de Menna Barreto é o da investigação da relação interioridade/ exterioridade do ser.” Nesse sentido, os trabalhos são atravessados pelas memórias que nos atravessam também.

⁴ A Bienal do Mercosul acontece em Porto Alegre – RS – Brasil.

estava trazendo para minhas aulas. A partir daí, meu trabalho com arte contemporânea se tornou mais efetivo, ao visitar exposições de arte contemporânea, ao procurar por escritos de artistas ou sobre artistas. Esta procura não era tarefa fácil. Havia dificuldade na aquisição de referenciais, uma vez que, morando no interior do Rio Grande do Sul, o acesso a estes eram muito restritos. Para cada amigo que viajava, eu solicitava os materiais que pudessem trazer de suas visitas a museus e outros espaços. Minhas buscas também percorriam os jornais e revistas para subsidiar, através das imagens e textos, os trabalhos que iria propor. Esses guardados ainda carrego comigo.

Ao tratar sobre a arte contemporânea é necessário determinar sobre quais as pressuposições são almeçadas ao aproximar-me a este tema. Dewey (2010) remete que a arte é sempre subversiva, agitadora, caso contrário se torna frouxa. Apreendo aí uma relação com a arte contemporânea, a qual não me deixa indiferente diante de suas provocações. A arte contemporânea pela pluralidade e pelas possibilidades de gerar questionamentos é o que me importa como foco de trabalho.

Outro aspecto que me move em direção à arte contemporânea é a sua disposição em lidar com o cotidiano. O cotidiano é acercado como propõe Certeau (2009), como maneira ordinária de se envolver com as coisas do mundo. Em tal contexto, o cotidiano é pensado e praticado para que seja revisto, desde que a ele destinemos uma atenção diferenciada. Através dessa atenção, podemos retirar as ações corriqueiras de sua condição de pano de fundo da existência, ou seja, promovê-las ao protagonismo.

Nesse sentido, vejo a arte da maneira referida por Bourriaud (2009, p.110), como “[...] forma de uso do mundo, uma negociação infinita entre pontos de vista”. Esses pontos de vista trazem incontáveis interpretações, ou seja, não há uma resposta única para as questões e quiçá haja alguma resposta, daí advém meu interesse por tais pesquisas.

Martins e Picosque (2012) indagam sobre como recairiam as escolhas dos professores sobre as obras eleitas para o trabalho docente. As escolhas recairiam sobre preferências pessoais, pelo fato de já serem conhecidas por eles?

Penso que aqui reside um fator importante, isto é, não somos ingênuos e isentos nas escolhas que fazemos. Porém, seja qual critério que se use, as escolhas devem ser feitas. No meu caso, a obra tem que promover, em mim, uma experiência estética, tem que movimentar meus pontos de vista, tem que ser questionadora. Como refere Bourriaud (2009a, p.149): “Esta obra me autoriza ao diálogo? Eu poderia, e de que forma, existir no espaço que ela define?” Incluo aqui: o que esta obra tem a me dizer sobre mim?

Assim, a arte contemporânea tem me trazido esses questionamentos e com tais questionamentos surgem as propostas na sala de aula.

Para o trabalho discorrido neste texto, foi pensada a exploração do espaço da Escola. De acordo com Certeau (2009, p.184) os conceitos de lugar e espaço têm conotações distintas. Para o autor o lugar seria fixo ao passo que o espaço denotaria movimento. Portanto, o espaço “[...] é um lugar praticado” pelas ações que nele são

desencadeadas.

Marc Augé (2012) estabelece a distinção entre lugar e não lugar. Para o autor os não lugares seriam aqueles de passagem, os quais não trazem a marca de quem os habita, ou seja, são impessoais. A escola poderia ser este não lugar? Que lugares da Escola seriam não habitados? Que lugares não seriam vistos?

Com essas indagações foi lançada a proposta de trabalho que se desenvolveu em etapas. Num primeiro momento foi sugerida uma saída da sala de aula para realizar olhares sobre a Escola, andar no seu território, passear pelo pátio. Olhares que ajudassem a perseguir o entorno pois, como sugere Serres (2001, p. 78-79):

Desvelar não consiste em remover um obstáculo, retirar uma decoração, afastar uma cobertura, sob os quais habita a coisa nua, mas seguir pacientemente, com uma respeitosa habilidade, a delicada disposição dos véus, as zonas, os espaços vizinhos, a profundidade de sua acumulação, o talvegue de suas costuras, para abri-los quando for possível, como uma cauda de pavão ou uma saia de rendas.

Como percorrido por Serres, sem a urgência de avançar o tempo, num segundo momento foi solicitado aos alunos, que procurassem por lugares, na Escola, que nunca haviam visto. Nesse andamento, como anteriormente, poderiam realizar o registro dessas observações através de fotografias. No encontro seguinte, observamos as imagens produzidas - que foram projetadas - de modo que os colegas tiveram contato com cada um desses olhares. Confesso que fiquei surpresa porque suas miradas foram para locais os quais eu, apesar de conviver com a Escola nos últimos 34 anos, não havia percebido.

Na sequência passamos a discutir sobre o gênero paisagem, tão revisto pela história da arte. Em relação à paisagem, Cauquelin (2007, p.7) aborda, no início de seu texto - *A invenção da paisagem* - de que maneira a ideia de paisagem é construída pelas informações pictóricas que foram concebidas. Nessa concepção, “[...] a paisagem fora pensada e construída como o equivalente da natureza [...]”.

De acordo com Cauquelin, ainda nos dias atuais acredita-se em tais premissas, apesar do alargamento perceptivo alvitado pelas propostas de arte contemporânea, neste território.

O alargamento proposto pela arte contemporânea em relação à paisagem foi presença nas aulas. Para tanto, foram apresentados os trabalhos de artistas de diferentes contextos, pois de acordo com Martins (2012, p.17):

[...] o objetivo maior não é propiciar contato para que todos os aprendizes conheçam este ou aquele artista, mas, sim, que eles e elas possam perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e de seus desejos [...] de seu modo singular de pesquisar a materialidade através da linguagem da arte.

Em tal contexto foram apresentados artistas como: Christo e Jeanne-Claude⁵,

5 Artistas, os quais trabalhavam em conjunto, até a morte de Jeanne em 2009, realizando o empacotamento de prédios públicos. Assim, usavam o meio público para a exposição. De certo modo, de acordo com Archer (2001, p.104), tais práticas deram “[...] as costas para as galerias.”

Robert Smithson⁶, Eduardo Srur⁷, Coletivo Bijari⁸, Marlon de Azambuja⁹, entre outros.

Tais artistas foram eleitos pelos aspectos diversos nas obras apresentadas. Cada artista, a sua maneira, cria vínculos com a paisagem que permitem ao nosso olhar uma nova mirada. Suas obras trazem reflexões que me fazem questionar sobre como olho para o que me cerca. Que paisagem é essa que tenho no meu entorno? Que lugar é esse que eu habito? De que maneira posso intervir nesses lugares para que se tornem visíveis por outros?

Esses questionamentos foram estendidos aos alunos e formaram parte do trabalho ao orientar as ações subsequentes. No decorrer foi proposto que realizassem intervenções nesse locais, de modo a favorecer um novo olhar sobre os mesmos. As intervenções foram realizadas em grupo, pois esta era uma opção que poderiam adotar. Como acompanho esta turma desde o 6º ano, os conceitos que envolvem as produções de arte contemporânea – intervenção, apropriação, instalação - já haviam sido trabalhados anteriormente.

Na continuação creio ser relevante os depoimentos dos alunos sobre o trabalho, os quais transcrevo abaixo:

- **Aluno I:** Nossa intervenção foi fácil e criativa pois usamos folhas, galhos secos e fita durex [...] Fizemos a intervenção em um lugar que as pessoas não costumam ir[...].

- **Aluno II:** O trabalho foi legal mas foi um pouquinho difícil fazer tivemos que pegar o carrinho e o galão e levar na pracinha para fazer a intervenção. Achei o trabalho legal saímos da sala para fazer um trabalho diferente.

- **Aluno III:** Nossa experiência foi boa porque nós aprendemos a dar destaque nas coisas aonde ninguém prestava atenção antes aí quando nós começamos a colocar os sacos de pães de sanduíche da cor laranja no corrimão da escada cada pessoa que passava e perguntava porque nós estávamos colocando aqueles sacos [...].

- **Aluno IV:** A nossa intervenção foi desmontada por nós mesmas por causa da chuva e o material que nós usamos a maioria era de papel. A gente acha que mudou um pouco o local porque chamou um pouco de atenção. A gente acha que foi bom pois escolhemos o Coletivo Bijari mas mesmo assim o trabalho foi livre para escolhermos o que queríamos. A gente escolheu trazer a praça para dentro da escola [...].

- **Aluno V:** A intervenção na paisagem foi positiva porque vimos a paisagem

6 A obra apresentada foi Molhe espiral (1970, p. 76 -77) realizada distante dos olhos do público mostra, como o próprio nome remete, uma construção gigantesca de pedras em espiral “[...] se projetava da margem por sobre o Grande Lago Salgado [...].”

7 Eduardo Srur realiza suas intervenções no espaço público, alterando a percepção do espaço. Como por exemplo, a obra Caiques, com bonecos dentro de caiques que percorrem o rio Pinheiros – SP, até encaiharem no lixo.

8 Coletivo Bijari, a obra apresentada foi Praças (IM) Possíveis. O trabalho a partir de bicicletas transformadas as quais mantêm o banco e o guidão de forma habitual, porém, com a presença de guarda sol e banco no formato de banco de praça para sentar. Ainda carregam, na parte da frente, suporte para plantas.

9 O artista esteve presente na 8ª edição da Bienal do Mercosul com Potencial Escultórico que consistia no uso de fita adesiva, na cor laranja, para empacotar uma escultura presente no Viaduto da Borges de Medeiros em Porto Alegre – RS - Brasil.

diferentemente do que vemos no dia-a-dia ela foi modificada, elaborada, transformada, programada, pensada. Interferimos na paisagem revestindo uma caixa branca dando um novo sentido [...] chamando a atenção das pessoas que observavam [...] descobrimos um novo sentido ao olhar a nossa intervenção.

Nesta etapa, é pertinente destacar que os relatos transcritos acima integraram a proposta de trabalho e fizeram parte da produção. Consequentemente, tais ações foram experimentadas como meios fundamentais no processo de trabalho, em que o pensamento foi visto como exercício da maneira referida por Silva (2011, p.80). No livro sobre o ensino da filosofia, a autora reitera que o ato de pensar “[...] não é apenas uma habilidade, mas demanda uma sensibilidade, que envolve um conjunto de vivências [...]”. Desse modo, o ato de pensar não decorre de um procedimento que se antevê diante mão, todavia, se concretiza na ação diante e com o que nos cerca. Por conseguinte, o ato de pensar sobre as produções permite que o aluno se veja enquanto autor e reflita sobre a sua produção. Essas ações possibilitam, ainda, que eu possa vivenciar melhor o processo de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos depoimentos dos alunos, percebo que houve empenho na elaboração dos trabalhos ao mesmo tempo em que demonstraram conhecimento sobre o que estavam buscando. Apreendo, nos relatos, a apropriação do assunto desenvolvido e o modo distinto como cada grupo resolveu as suas questões. Como referido acima, o ato de pensar sobre as produções remete ao fato de que tal pensamento evidencia que a proposta de trabalho exige uma construção, não sendo uma atividade qualquer.

As ações que foram realizadas pelos alunos e, o pensamento que estas provocaram, revelam o modo como o cotidiano se fez presente de forma apropriada e ressignificada. Os outros usos como refere Certeau (2009), estiveram evidenciados.

A arte contemporânea e a sua disponibilidade de lidar com as mais diversas formas de apresentação reitera o enfatizado por Dewey (2010) de que o material da arte pode ser extraído de qualquer nascente. Não há o que não possa ser usado, trata-se do como, discutido por Certeau (2009), ou seja, como vai ser feito esse uso. Dessa forma, novos usos foram apropriados pelos alunos em suas produções.

Os olhares dos alunos foram debruçados sobre a Escola a procura do que não era visto. Assim os cantos, o que estava escondido à espera de ser desvelado, pode ser visto, “os lugares foram praticados” ganhando possibilidade de vida pelos olhos dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa; tradução Alexandre Krug, Valter Lellis Siqueira. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade; tradução Maria Lúcia Pereira. – 9ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. (Coleção Todas as Artes)
- BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo; tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009. (Coleção Todas as Artes)
- CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: NOVAES, Adauto ... [et al]. **O olhar**. São Paulo: companhia das Letras, 1988.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da Paisagem**; tradução Marcos Marcionilo. - São Paulo: Martins, 2007. - (Coleção Todas as Artes)
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes do fazer; tradução Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**; [organização] Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furst Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes)
- HERKENHOFF, Paulo. In: **CATÁLOGO** da primeira Bienal de Artes Visuais do Mercosul; Porto Alegre: FBAVM, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **A terra fértil do cotidiano**. In: Revista FAMECOS- nº 36 – agosto de 2008 – quadrimestral – p. 05-09.
- MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Professor: escavador de sentidos. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.
- SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SILVA, Ursula Rosa da. **A infância do sentido**: o ensino de filosofia e racionalidade estética em Merleau-Ponty. Pelotas: FEPráxis; Editora e Gráfica Universitária, 2011.152p.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-15-4

